

JOSÉ ARBEX

JOSÉ ARBEX é editor do caderno "Mundo" do jornal *Folha de S. Paulo* e foi o primeiro correspondente brasileiro na União Soviética, tendo montado escritórios em Nova York e Moscou.

EM MOSCOW DURANTE TRÊS ANOS

АРИОН ДУКОВ. ДЗМГА  
БОУ  
ВЕРТОР  
Г.А. ДИЕРАТОВА  
КАЗФАН

Е. СЕМЛОВА  
ПО КОЛТАКХУ  
БОУ

**TALVEZ** a melhor maneira de descrever Moscou seja utilizar a figura da cebola. Você pensa que conheceu a cidade, até o ponto de perceber que há uma camada interior, distinta e, assim por diante, várias camadas até chegar no núcleo. Isto é, você percebe que Moscou é e ao mesmo tempo não é aquilo que você pensou ser, à primeira vista, porque alguma coisa – algum amigo soviético que você nunca esperava encontrar, algum bairro cuja arquitetura é totalmente inédita, alguma casa de teatro apresentando uma peça que você não esperava ver por lá –, algum fato sempre o surpreende no meio do percurso. Custa muito esforço – às vezes lágrimas – até você “descascar” uma camada e atingir outra, mais profunda. Moscou exige muito de você. Não é só a burocracia stalinista que impregna, ainda, o modo de vida soviético, ou a estupidez no funcionamento geral de uma sociedade em que tudo é o Estado e todos foram transformados em funcionários públicos. É também o idioma (alfabeto cirílico, seis declinações, três mil exceções gramaticais, dezoito verbos de movimento), a temperatura (inverno de trinta graus negativos, frio com neve entre outubro e maio, dias em que o sol, pálido, sai às 10h e se põe às 15h), os hábitos culturais (mais asiáticos do que europeus). Moscou pode ser também descrita como uma *matrioshka*, uma daquelas bonecas que contêm outra, menor, em seu interior, e esta outra ainda menor, assim por diante, até chegar ao limite de bonequinhas quase invisíveis, mas feitas com incrível detalhe e perfeição artesanais. Moscou é assim, uma caixa de surpresas, em que as aparências realmente enganam, mais do que normalmente costuma acontecer. O mais surpreendente é que depois de passar por tudo, e descascar muitas cascas da cebola infindável, Moscou deixa saudades. Nisso talvez consista seu maior segredo e mistério. Talvez seja porque Moscou exija tanto de alguém que queira conhecê-la, que se acaba deixando ali uma boa parte de uma vida. Moscou transforma quem vive nela.

**NÃO** sabia nem podia imaginar tudo isso quando desembarquei em Moscou, em maio de 1988, como o primeiro correspondente brasileiro a cobrir a *perestroika* (o lance da *Folha* ter aberto uma sucursal em Moscou foi de grande ousadia, que logo rendeu seus frutos. Rapidamente, ter ou não um correspondente em Moscou tornou-se um dado de diferenciação na imprensa nacional, como sempre várias décadas atrasadas em relação à imprensa mundial. Pena que um jornal não se faz apenas com ousadia, e logo começaram, como se verá em seguida, os problemas entre o correspondente e os editores no Brasil). Para mim, pessoalmente, o pesadelo teve início já no desembarque, no aeroporto internacional Sheremetievo, onde o adido de imprensa da embaixada do Brasil, que havia se comprometido a me esperar, não estava. Demorei três horas para passar pela alfândega do aeroporto, sombrio, mal iluminado e mal construído. Depois da alfândega, ainda perdido entre o alívio de ter passado pela “prova” e a apreensão de não estar encontrando o tal diplomata (para que, aliás, pagamos impostos?), senti que estava realmente perdido – quase em pânico. Não sabia falar nada em russo – muito menos “hotel” (*gastinitsa*), não sabia como e onde trocaria dólares por rublos, e, naquele caos, não estava claro onde era o ponto para pegar táxi. Depois de algum tempo, e de muito esforço naquilo que então me pareceu uma epopéia, cheguei ao hotel, sem que hoje, pensando retrospectivamente, saiba como (é impressionante do que somos capazes sob pressão...). Mas nem tive muito tempo para saborear essa primeira “vitória”. No hotel – supostamente, internacional – não havia ninguém que falasse inglês, francês ou espanhol (português, nem sonhar). Quis, então, já em meu quarto, extenuado e me sentindo o ser mais solitário do mundo, ligar para o Brasil para dizer que havia chegado. Soube, então, pela primeira vez, que uma ligação poderia demorar até 48 horas para ser completada. Foram assim minhas primeiras horas na capital dos soviéticos.

**NÃO** que a situação fosse mudar muito se, na ocasião, tivesse conseguido falar com alguém na *Folha*. Percebi logo que minha relação com os editores do jornal no Brasil não seria das melhores. A coisa começou assim: por gentileza da agência espanhola de notícias EFE, pude, no dia seguinte ao da minha chegada, “conversar” por telex com a *Folha*, já que telefone era impraticável. Começaram, então, a “chover” os pedidos absurdos de reportagens e matérias, pedidos típicos de quem exerce funções de edição sem nunca ter sido repórter na vida – muito menos correspondente, e ainda menos numa situação insólita como a minha em Moscou. Por exemplo, “ouvir a opinião de Mikhail Gorbachev” sobre determinado problema (como se Gorbachev emitisse “opiniões” imediatas sobre assuntos conjunturais, ou como se fosse um sujeito acessível, disponível e prioritariamente interessado em dar sua “opinião” a um jornal brasileiro...). Outro

exemplo: “ligue para a base espacial soviética de Baikonur – no Cazaquistão – para repercutir os problemas com o foguete Soyuz” (como se houvesse uma política de transparência no programa espacial soviético, como se fosse possível fazer a tal ligação telefônica para o Cazaquistão – sequer em Moscou, até hoje, há lista telefônica... –, ou como se eu pudesse fazer tudo isso num idioma de meu repertório, já que eu acabava de chegar e ainda não tinha escritório, intérprete, etc.). Com tudo isso, logo tornou-se óbvio que também a *Folha* seria um obstáculo ao bom desenvolvimento do trabalho, além dos funcionários relapsos da embaixada (os tais que sustentamos com nossos impostos) e além da sinistra burocracia soviética. Mas é preciso dar um desconto ao jornal: enquanto os americanos e europeus tinham uma longa tradição de correspondência na URSS (iniciada com John Reed, em 1917), Moscou era, basicamente, um território virgem para o jornalismo brasileiro. Quer dizer, qualquer “barbaridade” editorial era compreensível – bastava só que os editores fossem um pouco menos pretensiosos.



**É IMPOSSÍVEL** explicar a burocracia soviética para quem nunca viveu em Moscou. Muitas coisas soam inacreditáveis, implausíveis. Burocracia pra valer, e ponha burocracia nisso. Custou-me um ano de espera, em Nova York (onde trabalhei com Paulo Francis) e no Brasil, conseguir um visto de correspondente. Já estando em Moscou, tive que esperar dez outros meses, durante os quais passei por uma quantidade infinita de requerimentos, reuniões, brigas, súplicas e conchavos até conseguir que a UPDK – órgão estatal responsável por “assistência” aos estrangeiros – cedesse um apartamento (sem mobília, porque a mobília demandaria outros seis meses). A burocracia emperrava mesmo os mínimos detalhes da vida – mais do que no Brasil, e eu achava que isso seria impossível. Por exemplo, já na primeira semana em Moscou quis entrevistar o escritor Anatóli Ribakov, autor de *Os filhos da rua Arbát*. Eu pensava – nesse ponto, como os editores da *Folha* – que bastaria descobrir o número de telefone do escritor, ligar e marcar a entrevista, se fosse de seu interesse. Nada disso. Havia todo um ritual a ser cumprido: eu tinha que escrever uma carta solicitando a entrevista – com papel timbrado, necessariamente, e de preferência com carimbo sobre minha assinatura – ao Departamento de Informações do Ministério das Relações Exteriores. Esse departamento deveria considerar os termos da carta, e, caso julgasse OK, a enviaria à União dos Escritores, que, caso julgasse OK, a enviaria ao escritor, que, caso julgasse OK, concederia a entrevista. Bem, isso considerando um trajeto ideal, em que ninguém simplesmente arquivasse o pedido, coisa que era o mais provável. Como eu não tinha papel timbrado da *Folha*, e muito menos carimbo, tinha que pedir papel timbrado à embaixada, o que acrescentava um passo a mais na “*long and winding road*” da burocracia. É claro que tentava explicar tudo isso à *Folha*, mas é também claro que era uma missão impossível. Meus chefes passaram a atribuir a mim os problemas que não eram meus, mas sim da burocracia soviética. Foi assim que comecei a ser bombardeado também pela burocracia da *Folha*. Well...

**AS COISAS** mudaram bastante durante o tempo que fiquei por lá (meu termo foi encerrado em setembro de 1990, logo após o histórico 28º Congresso do PCUS), e muitos procedimentos foram radicalmente desburocratizados. Por exemplo, hoje poderia chamar ao telefone um escritor como Ribakov e pedir-lhe diretamente a entrevista. As

transformações foram, de fato, impressionantes, e aconteceram com uma rapidez que desafiou todos os cálculos. Pude cobrir, enquanto lá estive, a 19ª Conferência do PCUS (junho-julho de 1988), a retirada soviética do Afeganistão (dois meses após a 19ª Conferência), o processo de formação do Congresso dos Deputados do Povo e as primeiras eleições relativamente livres no país (em março de 1989), o processo que implicou o fim da ditadura do partido único (iniciado com uma sessão plenária do Comitê Central do PCUS, de fevereiro de 1990, que se pronunciou contra o artigo 6º da Constituição), e, finalmente, o 28º Congresso. Do ponto de vista das conseqüências externas da *perestroika*, cobri a “primavera de Pequim” (maio-junho de 1989), e, três meses depois, a retirada vietnamita do Camboja, a crise dos refugiados da Alemanha Oriental (setembro-outubro) e a queda do Muro de Berlim (9 de novembro de 1989, uma das noites mais intensas e emocionantes de minha vida). Cobri todas as cúpulas de Gorbachev no período, incluindo seu encontro com o Papa João Paulo II, em dezembro de 1989, e cobri aquilo que foi um momento de coroamento da estratégia de Gorbachev de liquidação dos blocos geopolíticos e formação de uma “Casa Comum Européia”: a reunião do Conselho de Segurança e Cooperação Européia (CSCE), realizada em Paris, em novembro de 1990.



**TALVEZ** a coisa mais importante que me tenha sobrado de tudo isso tenha sido a noção da extrema relatividade de todos os conceitos, e a loucura que é acreditar em alguma ideologia – qualquer que seja. Lembro-me de estudantes chineses com quem conversei na praça de Tian An Men, e que foram, provavelmente, massacrados por tanques de Deng Xiaoping. Lembro-me de um jovem soldado vietnamita, que, saindo do Camboja, quis tocar-me, com curiosidade, os pêlos do peito, porque nunca antes havia visto gente com pêlo no peito. Lembro-me das pessoas pulando o carnaval em Berlim, na noite de 9 de novembro de 1989, mas sempre tomando o máximo de cuidado para não ultrapassar a faixa destinada ao tráfego de ônibus. Lembro-me também da comoção que tomou conta dos moscovitas em junho de 1989, quando foram iniciados os trabalhos do Congresso dos Deputados do Povo, e, pela primeira vez na história do país, deputados falavam livremente – por rádio e pela TV –, e denunciavam crimes da KGB (polícia política), e pediam o desmantelamento do aparelho repressivo, e exigiam democracia. As pessoas ficaram, em Moscou, como fica o Brasil durante uma copa do mundo: paradas em grupo diante da TV, torcendo, discutindo, opinando. São acontecimentos que traduzem séculos de história, culturas, tradições. São momentos que não cabem nas ideologias, e, no fim, são os momentos que realmente importam.

**A LEMBRANÇA** de Moscou está, portanto, muito relacionada, em minha vida pessoal, com uma fase intensa de destruição de mitos particulares e com a descoberta de muitas outras coisas às quais dava antes pouco valor. Por exemplo, o valor da solidariedade. Como tudo é muito precário em Moscou, as pessoas dependem muito umas das outras, principalmente se você é estrangeiro e se está começando a viver na cidade sem ninguém o esperando para dar uma força – como foi o meu caso. Se eu tivesse que sujeitar-me normalmente aos prazos da burocracia (a tal da UPDK), só poderia começar a montar meu escritório depois de ter meu apartamento. Em outras palavras, poderia começar a fazer as requisições de telex, telefone e de pessoal (intérpretes, secretárias) apenas



dez meses após minha chegada (quando “ganhei” o apartamento), e sabe-se lá quanto tempo tardaria até que me fosse providenciado todo o necessário. Tive sorte de, durante a cobertura no Afeganistão, conhecer Carlos Enrique Bayo Falcón, correspondente espanhol hoje no “Diário 16”, que já tinha seu escritório e que concordou em que eu utilizasse suas instalações, “rachando” comigo as despesas. Foi a solução que permitiu minha permanência em Moscou – a *Folha*, aliás, foi inicialmente contrária a esse arranjo, sob a alegação de que seria um “luxo” eu ter um escritório e um apartamento. Foram necessárias algumas preciosas horas ao telex e ao telefone (suficiente, provavelmente, para pagar pelo menos um mês de despesas) para explicar que esse arranjo seria a única forma viável de viabilizar o trabalho. O arranjo funcionou tão bem que, mesmo depois de ter meu apartamento, continuamos trabalhando juntos – e o correspondente que me sucedeu em Moscou continua dividindo o escritório com Carlos Bayo.

**O PROBLEMA** é que a vida confinada principalmente a amigos estrangeiros acaba criando guetos culturais. Você visita sempre as mesmas pessoas, e são sempre as mesmas pessoas que te visitam. Isso é facilitado pelo esquema - ainda em vigor – que obriga todos os estrangeiros a viverem juntos, no mesmo conjunto de prédios, ao qual é proibido o acesso de soviéticos que não exerçam ali alguma tarefa registrada na polícia. Mesmo quando você quer convidar algum amigo soviético, a coisa é complicada, porque o sujeito vai ter que passar pela humilhante situação de ter que mostrar os documentos (no caso, o passaporte interno) e vai ter de explicar o que está fazendo ali, e para que está ali. Essa separação rigorosa dos estrangeiros, um dado cultural herdado da era dos tzars, foi acentuada na era stalinista, quando qualquer contato não-oficial entre soviéticos e estrangeiros poderia custar ao soviético uma passagem grátis de ida para a Sibéria, e poderia custar ao estrangeiro a expulsão da URSS. Hoje, explica-se a proibição como “norma de segurança” – o que, infelizmente, tem um certo fundamento. A criminalidade está aumentando dramaticamente em Moscou – ameaça, mesmo, escapar ao controle das autoridades, situação que nada fica a dever ao Rio – à mesma proporção que aumenta a escassez e a precariedade da vida. Como os estrangeiros têm de tudo (além de já terem boas roupas, bons produtos de consumo e boa comida, podem, a qualquer momento, comprar em supermercados estrangeiros), são sempre bom alvo para mafiosos e bandidos. Eu mesmo fui assaltado na rua, às 2h30, numa madrugada em que acabava de chegar de uma viagem de vinte horas pela terrível Aeroflot, num voo iniciado em Buenos Aires.



**MAS** o maior problema dessa vida em guetos é ela tornar muito mais difícil você fazer contato com os soviéticos. Não que eles estejam muito ansiosos para conhecê-lo – afinal de contas, a *perestróika* ainda é um fenômeno muito recente, comparada com a história de uma cultura tradicionalmente fechada ao estrangeiro e stalinizada nas últimas seis décadas. Mas há muita gente bonita – em todos os sentidos possíveis do termo – andando pelas ruas de Moscou, gente interessante, artistas (na rua Arbát, um calçadão que funciona como espécie de praça da República, há muita gente talentosa mesmo – retratistas, músicos, artesãos), pessoas ricas em histórias, e muita gente querendo falar. O primeiro obstáculo – e certamente o mais difícil nos dias de hoje – é o idioma. Depois tem o clima, muito frio, numa cidade que lhe oferece poucas opções de encontros

informais (os bares e cafés que existem são, em geral, deprimentes, ou porque não oferecem nada, ou porque oferecem muita coisa mas no mercado negro, e por isso acabam sendo freqüentados por prostitutas, mafiosos, etc.). Além do idioma e do clima, o simples fato de você ser estrangeiro e ter acesso a dólares já cria uma diferença brutal no relacionamento, que, na maioria dos casos, cria situações constrangedoras. São comuns os casos em que o amigo soviético acaba lhe pedindo para comprar cigarros Marlboro, uísques ou coisas do gênero, ou porque essas coisas não existem no mercado interno, ou porque o que existe é simplesmente imprestável (o cheiro de um cigarro soviético é nauseante). Você, colocado diante de situações assim, não pode simplesmente dizer não – porque você se sente solidário com aquela gente, porque você sabe que a pessoa diante de você é uma grande pessoa, porque não lhe custa nada e porque você mesmo se sente mal quando vê que aquelas pessoas – seus amigos – são tratados como cidadãos de segunda categoria, apenas porque tiveram o azar de nascer sob um regime ultra-estativizado. Mas com o tempo, você começa a se “imunizar”, e aquilo tudo passa a deprimi-lo muito, até o momento em que você não sabe mais porque um soviético aproximou-se de você (pode ser que ele seja da KGB – isso realmente existe, não é só ficção –, pode ser que ele apenas queira se aproveitar do fato de você ser estrangeiro, ou pode ser mesmo que ele foi com tua cara). O cotidiano fica, assim, permeado por muitas sombras e emoções contraditórias, e chega o momento em que você quer ir embora porque não agüenta mais viver daquele jeito.



**UM TEMPO** fora de Moscou, e – algo realmente surpreendente – vem a saudade. Você se lembra dos passeios no verão (de trinta graus em junho e julho) às margens do rio Moscou, você se lembra do inverno no parque Górkki, você sente uma espécie de alegria nostálgica quando imagina Moscou na primavera – em maio, é quando o verde está no auge, e a cidade, cansada de tanto branco, parece ter se enfeitado com todo seu poder de sedução. Você quer voltar para Moscou, nem que seja por alguns dias, para rever os amigos, para saber como estão sobrevivendo – e sobrevivem, o que lhe acrescenta em humanidade –, para passar pelos mesmos lugares que um dia o assustaram tanto, como o sombrio aeroporto Sheremetievo, e aí você ri de seus próprio apuros, de suas brigas com a burocracia, de suas dores de cabeça, até dos conflitos com o jornal, e você percebe que nada em particular é tão importante assim, que o importante mesmo foi ter passado por tudo aquilo, ter vivido cada momento intensamente – e talvez seja esse o maior segredo dessa imensa cebola, dessa grande *matrioshka*, o fato de que ali tudo é intenso. Nada acontece distraidamente em Moscou, nada é gratuito. Tudo tem um preço porque tudo ali é tão difícil, cada centímetro conquistado. Você nunca fica indiferente a Moscou. A cidade o transforma.